

Malemare.

A escavação precária de um quintal para garimpar cacos estilhaça noções de tempo frente à incompletude que resulta em *Malemare*.

Malemare. Claudia Washington, 2015. Instalação de cacos de louça, dimensão 700 x 700 cm. Coordenadas Vagabundas, Conjunto Cultural da República, Brasília, 2015. »









começo/auge é ocaso

Caco, o ladrão filho do fogo, decadente gigante semi-homem,
morreu porque cometeu a cagada de querer devorar as vacas¹ do herói.

Caco a ex-louça fina que brilhava na cristaleira e por engano
propósito ou preguiça esfacelou no chão.

Inglórios retornam à terra em seus devidos buracos.

male mar

male mare

male mal

Não ser visto e ser visto ao longe

Percorrido em torno e entre

Atravessado

Pisoteado

Acariciado

Em cega névoa baça² sem fio lhe resta rasgar

As minhocas e suas manchas oculares

Caco e a desmesura

Modulações da sombra

Cacareco

Espelunca

Antro

Abismo da luz difusa

À menor brisa o lago se cobre de olhos³.

Quem, de fato, conseguiria "lembrar-se" de todas as flutuações dos movimentos das ondas⁴?

Mas o sonhador de mundo não olha o mundo como um objeto,
precisa apenas do olhar penetrante⁵.

Meus olhos têm um brilho totalmente diverso. Receio que eles façam buracos no céu⁶.

1. Um magnífico rebanho de gado vermelho.

2. O herói na caverna de Caco dito por Virgílio na Eneida com tradução de Manuel Odorico Mendes.

3. Bachelard em Devaneio Cósmico.

4. Luria em A Mente e a Memória.

5. Bachelard em Devaneio Cósmico.

6. Nietzsche num ensaio da juventude em Devaneio Cósmico de Bachelard.



« Caco pisoteado, Claudia Washington, 2015. Fotografia digital, dimensão variável. Coordenadas Vagabundas, Conjunto Cultural da República, Brasília, 2015. Arquivo pessoal, Brasília.

Caco é o semideus grego citado por Virgílio na Eneida, meio homem, meio touro, vivia numa caverna com seus cacarecos e à noite roubava, até que foi morto por Hércules. De Caco são as cerâmicas, as panelas, o fogo, o escurecer, o erro. Do latim vulgar *caccabu* : algo de pouco valor, diacronico, obsoleto, desgastado, ou algo para dar consistencia a argamassa.

Caco é o meio do caminho entre deuses e humanos, humanos e animais, o inteiro e o em pedaços. Encontrado nas profundezas da terra, saído da caverna escura, todo caco grita fogo, pois um dia passou pelo cozimento dos fornos. Terra queimada e Vulcão. Caco é filho de um deus coxo, da incompletude, e do aniquilamento. Ele nos saúda com a ilegalidade e o desrespeito à propriedade. Cria pistas falsas como as marcas das patas das vacas na terra, ao puxá-las pelo rabo para que andem de costas. Pistas falsas, falhas da arqueologia, fendas geológicas, apontando para a direção oposta de seu fim, a caverna. Se não fossem os heróis, estaríamos a salvo das certezas.

Com o tempo os cacos se amontoam, as classes se misturam, os continentes são poucos, é preciso

mais espaço e que seja plano. Inspirada pelo vocabulário de uma senhora centenária, minha avó, chamei a disposição de cacos no solo de *Malemare*, ou seja, aquilo feito sem vontade, sem capricho, sob os auspícios do pecado da preguiça. Afinal, trata-se de Caco, marco da decadência do Olimpo, que tornara-se carnal e terreno graças aos semideuses.

O caco é a quebra e o corte, se desfaz em mil pedaços para penetrar no corpo e na paisagem. Um caco pode durar mais que meu corpo e pode ser o corte na sua duração. Mas a imprecisão do caco por vezes torna falhos seus ardis. Posso cavocar a terra até encontrar o último deles que se esconde na escuridão do subsolo e arrancá-lo de lá para que testemunhe sobre o movimento. Não, não posso, pois o todo dos cacos me escapa, nem a história mais banal me é revelada, há fumaça por todo canto, não se encherça e pouco se respira. Quem um dia comeu naquele prato? Tocou seus lábios na borda dourada da xícara? Segurou as asas ainda presas da louça?

É pela experiência do corpo que a montagem de *Malemare* se faz, na justaposição de cacos sobre solo concretado liso, sob o sol crepuscular. É a imagem do tempo de montagem que emerge em fotografia, um corte no todo, que

não se pretende estático e cujas pequenas flamas que ladrilham a imagem ofertam a inconstância dos contrastes radicais, a mistura indecifrável do lusco-fusco no fim dos dias. No platô liso do Estado, as pontas afiadas dos cacos preparados para solas desavisadas. Além dos limites da fotografia o mundo vaza em outras labaredas e fumos, como se invertida fosse também a caverna de Caco, e se a visão turva e quente do interior de seu covil dominasse o fora, como na chama agônica que acende a cabeleira da patinadora e guia à noite. Logo, com o fim das cintilâncias diurnas, os cacos deixarão a servidão do visível. Tal obscuridade manifesta-se também no corpo que rastejar como os bichos para arrancá-los ou deitá-los lado a lado no chão e isso parece figurar outras posturas, outras paisagens.

Giorgio Agamben (2012, 90-95) diz que somos crianças macaco que aprenderam a se reproduzir. Michel Serres (1999, 24) diz que quando conseguimos superar nossa situação quadrúpede e ficamos nos dois pés a mirar o horizonte o homem mostrou seu sexo apontando para a frente enquanto a mulher o escondeu. Essas memórias

animais, sejam das crianças macaco ou dos quadrúpedes eretos, povoam a relação com os cacos. Não sei quem mostra ou esconde o sexo, mas ao escavar rastejo, sei que este corpo se revolve entre a imensidão aérea e as profundezas minerais e que depois de já bem exercitados sobre os dois pés e com meios de voar, mergulhar, perscrutar grutas abissais, nossos sexos não estão mais no mesmo lugar. Agora mudou a regra do esconde-esconde. As crianças macaco podem brincar. Apesar do passo hirto que até os cacos assola.

O todo que alí se dipôs é mesmo só uma parte, como conjunto que se reproduz nas partes. A luz que se busca é mesmo só uma parte. A imagem produzida é parte. É meio do caminho. *O somatório frágil dos não integráveis* (SERRES, 1985, 135). Caco é o movimento de dividir-se *ad aeternum*.

O fato é que, ao mudar-me para Brasília, encontrei no quintal da casa uma quantidade considerável de cacos de louça e de vidro, os quais passei então a coletar. A materialidade móvel, cortante, divisível, mineral e a obscuridade histórica do caco vem marcar uma arqueologia precária das circunstâncias desse encontro. Um trabalho surgido pelo acaso e que se entende como rasgo no cotidiano, pois seu conjunto é repleto de vazios, incontornáveis falhas de continuidade, ferimentos nas mãos que não deixam esquecer da propriedade transitória de nós mesmos, cacos esparço. A isto se mistura as ações de cavar e garimpar a terra, procedimentos característicos em *Malemare*, uma exposição de cacos cerâmicos em praça pública (2015);

O solo pedregoso brilha ao sol escaldante, logo diferenciam-se pontas nada amigáveis de cacos de louça que aos poucos são recolhidos. A cada chuva, como o diamante na bateia, surgem outros, até que os da superfície finalmente cessam. Resta cavar. Dentre as pedras do quintal brotam ramalhetes, jardins e aves exóticas interrompidas, pedaços de corpos dançantes e caminantes, outros animais, um tocante olho de gato e padrões geométricos que decoram a porcelana branca. Irrompem faianças e tantas misturas cerâmicas em tons térreos pastéis variantes, impregnados da poeira ferrugem que até então as sepultava. Os preciosos cacos sublevados são a parte visível de um encontro, uma aparição incompleta, fugidia e densa como os últimos raios de sol raptados pela retina, história findada em si.

O quintal do lugar onde vivo é há dois anos um garimpo de cacos. Talvez, quando da construção da casa a terra usada para nivelar o terreno tenha vindo de algum antigo depósito de lixo, cuja passagem do tempo deixou restar apenas as cerâmicas e os vidros. De cócoras rente à terra o ponto de vista faz da paisagem insólita. A postura do corpo e ação de catar o devir cerâmico da terra – revolver a superfície, esburacá-la – descreve um movimento animal, um ardil daquele que procura, porque tem medo, porque tem fome ou por diversão. A materialidade dispersa, impossível de recompor a história e a razão de estarem ali, revela relações próprias na tentativa de encontrar uma ordem: quantidade, marcas, inscrições, técnicas e tipos cerâmicos, formas, funções (alças, fundos, bordas), cores e padrões. Contar os cacos logo resultou inútil, eles mesmos se multiplicam ao se chocarem uns contra os outros, cálculo falido, as quedas e colisões inevitáveis de sua movimentação os rompem, proliferam por fragmentação. A separação por funções serve tanto ao agrupamento de iguais quanto à identificação de partes para recompor um todo, assim como as cores e os padrões, ainda que a estes últimos some-se a qualidade de reunir diferentes formas e funções em unidades de cor. Os cacos que carregam inscrições potencializam narrativas gráficas e textuais. Em contraste com essas possíveis classificações as escavações, longe do esquadramento arqueológico, são buracos aqui e ali, produzidos ao sabor dos momentos. Acumulação de ordinários e singularizações fugidias ou seja um processo patético.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Ideia da prosa*. João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

BACHELARD, Gaston. *Devaneio Cósmico*. In: *A Poética do devaneio*. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996, 165-209.

BERLINER, C.; LURIA, A. R.. *A Mente e a Memória*. SP, Martins Fontes, 2006.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: leibniz e o barroco*. Tradução: Luiz B. L. Orlandi. 2ª edição. São Paulo: Papyrus, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: A imagem-movimento*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 19831.

ESPAÇO E PODER. Entrevista de Michel Foucault a Paul Rabinow. Tradução de Heloísa Buarque de Holanda e Lucia Canedo. In: *Cidade – Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 23. IPHAN, p. 138-145, 1994.

FOUCAULT, Michel. Entrevista a Paul Rabinow. Tradução de Heloísa Buarque de Holanda e Lucia Canedo. In: *Cidade – Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, nº 23. IPHAN, p. 138-145, 1994.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas, SP: Papyrus, 1990.

LURIA, A. R. *O homem com um mundo estilhaçado*. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Petrópolis, RJ : Vozes, 2008.

MEDEIROS, Maria Beatriz de. *Aisthesis: estética, educação e comunidades*. Chapecó: Argos, 2005.

SERRES, Michel. *Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados – 1*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. *Variações sobre o Corpo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Odorico Mendes. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.